

O Silêncio como vão entre versos¹

Márcia Machado Braga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Palavras-chave: VIII SIPACV. Assembleia. Assemblagem. Silêncio.

Introduzindo a assembleia como possibilidade

No importante exercício pela busca de outros cenários dentro das tradicionais formas de compartilhamento de pesquisas, a organização do *Seminário Internacional de Pesquisa em Arte y Cultura Visual*, em sua oitava edição, propôs, com alguma coragem, um formato experimental de evento, baseado no conceito de Assembleia. A ideia, segundo convocatória (VIII SIPACV, 2025, s/p), era criar um espaço onde artistas, educadoras/es e pesquisadoras/es trabalhassem juntas/os.

Para a organização do evento, Assembleia é “um formato que prioriza a escuta, a pluralidade e o dissenso. Um lugar que nos permite compartilhar perspectivas diversas sobre as questões que afetam nosso trabalho” (idem) afirmando que “Diante de um presente que insiste na promessa de sucesso individual e na padronização de discursos, a Assembleia/Assembléia se apresenta como um compromisso com o encontro na diferença e a possibilidade de criação coletiva” (idem). Ainda, conforme anunciado, cada uma das quatro Assembleias que constituía o seminário seria acompanhada por uma equipe de trabalho que tinha a tarefa de controlar tempos, lançar perguntas e propor exercícios com o objetivo de dinamizar, orientar e moderar o processo que deveria, por sua vez, resultar em produções que dialogassem com o eixo *Des/encontros: mixturas y colaborações en lo poético-político* (ibidem). Neste contexto, nosso grupo, que correspondia a “Assembleia A”, propôs (sem consenso) o Silêncio.

O presente artigo objetiva fazer algumas aproximações a este Silêncio proposto enquanto obra possível no contexto do *Seminário Internacional de Arte y Cultura Visual* (SIPACV, 2025). No percurso desta tateante escrita revisito o termo Assembleia, que constituiu o mote do encontro, associando-o a técnica da *assemblagem* para, em um segundo momento, compor algumas reflexões a partir de uma assumida liberdade poética que coloca em diálogo outros “silêncios”: uma proposição realizada pelo coletivo, do qual faço parte, o *Balcão da Cidadania*, em colaboração com mulheres privadas de liberdade; poemas escritos por elas; a poesia e a música de Arnaldo Antunes; entremeados por aspectos conceituais desenvolvidos por autores como Susan Sontag, Annita Costa Malufe, Jorge Coli, David Lapoujade e Pedro Duarte, entre outros.

A escrita-tateante diz respeito às primeiras aproximações que serão realizadas neste texto a certos termos e a alguns artistas e autores que versam sobre o silêncio e, portanto, é revestida de certa fragilidade, algo que costuma caracterizar um pensamento em movimento, em construção, cheio de lacunas e vãos e, consequentemente, não conclusivo.

Objeto-pesquisa e a busca por um discurso comum

Talvez a primeira pergunta que tenha me ocorrido no início da Assembleia foi se realmente éramos, as/os participantes do seminário, diferentes. E se fôssemos, quanto tempo seria necessário para entender, trabalhar e produzir algo em comum a partir da diferença? Seria possível reunir em uma fala ou em uma voz aquilo que é de muitos?

Tendo a pensar que estas perguntas também ressoavam entre as/os organizadoras/os do seminário. Um dia antes do início do VIII SIPACV, no que entendi como sendo uma tentativa de criar um visgo, uma proximidade entre as pesquisas, nos foi proposto, via e-mail, que levássemos para o primeiro encontro, “um objeto proveniente do nosso lugar de origem que estivesse vinculado à nossa investigação ou ao tema que apresentamos para participar do seminário” (VIII SIPACV, 3 de agosto de 2025):

A ideia é que este objeto dialogue tanto com a sua proposta como com a experiência da estadia em Montevideo, permitindo articular dimensões simbólicas, materiais e afetivas de seus trabalhos. (...) motivamos vocês a pensar em objetos versáteis, abertos a múltiplas leituras e usos dentro deste espaço compartilhado.² (idem).

No primeiro dia de seminário, dentro das Assembleias pré-estabelecidas, nos foi orientado que nos reuníssemos em grupos de até cinco pessoas e, a partir dos objetos compartilhados, respondêssemos, para disparar as conversas, as seguintes perguntas: O que é comum? O que sentem? O que inquieta?

Assemblagem em assembleia?

Assembleia e assemblagem compartilham, segundo dicionário da Língua Portuguesa Michaelis On-Line, a mesma origem etimológica, ambas vêm do latim “*assimulare*”, que significa “juntar, reunir, agrupar” partes ou elementos. Assembleia deriva do latim *assimulata* (ou *assemblée* em francês), e tem o sentido de reunião de pessoas. Assemblagem, deriva do francês *assemblage* e indica ato de montar ou juntar peças. No site da instituição britânica de arte Tate Modern a definição de Assemblagem aparece como “uma arte feita pela reunião de elementos díspares – muitas vezes objetos do cotidiano (...)”. (Tate Modern, s/a, s/p).

Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura (2015) o termo assemblagem foi cunhado pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985) e incorporado às artes em 1953, para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, “vão além das colagens” e que já vinham sendo experimentados desde os anos vinte nos movimentos cubistas, surrealistas, dadaístas com artistas como Pablo Picasso e Kurt Schwitters e, posteriormente (nas décadas de 1950 e 1960), por Jasper Johns, Robert Rauschenberg e Mario Merz.

Retomando o contexto do VIII SIPACV, me pergunto que assemblagens são possíveis entre os objetos que levamos para o encontro: um livro que reúne escrita de pessoas privadas de liberdade, marcadores de páginas com links que remetem

para trabalhos educativos baseados em filmes, um protetor labial que representa o desejo de dar voz, um objeto que não veio e o relato sobre resgate de importantes documentos, um lápis amarelo (substituído por um azul) e as possibilidades do desenho? (Fig.1).



Fig. 1. Os objetos trazidos pelas participantes.
VIII SIPACV. 2025.
Montevideu.
Fonte: da autora

Os objetos são simples e as complexidades do que representam são difíceis de serem acessadas em poucos minutos de fala. Dentro do pequeno grupo, forçamos algumas conexões à medida em que tentávamos responder perguntas que me pareciam serem afirmativas demais; relembro-as: O que é comum? O que sentem? O que inquieta?

Quando nos perguntam o que é comum, nos é negada a possibilidade de não haver nada em comum. Quando nos é perguntado o que sentimos, parece ser necessário (ou obrigatório) sentir algo. E se aquilo que é narrado não nos toca? Não sentir nada caracterizaria uma indisponibilidade para o outro? Uma falta de sensibilidade? De empatia? E quando nos perguntam o que nos inquieta, nos é negado o tédio. Então trabalha-se no esforço por encontrar algo em comum entre os objetos, entre os discursos. Mas, e se todas preferíssemos não falar? Não se envolver em forçados e cansativos exercícios consensuais? E se assumíssemos certa incompetência para o diálogo? E se não trocássemos mais nenhuma palavra? Talvez desejássemos o Silêncio. E, talvez, também houvesse quem o temesse (Correia; Coelho, 2014) e até mesmo o repudiasse (como pareceu acontecer na nossa Assembleia). Será por que o Silêncio é diferente para cada uma/um de nós?

Os filósofos David Lapoujade (2014) e Pedro Duarte (2014) afirmam que existem muitos e variados tipos de Silêncio. O primeiro autor entende o Silêncio como “prosa do mundo” (Lapoujade, 2014) referindo-se ao silêncio do mundo material, silêncio do deserto, do espaço, de todas as coisas ditas mudas, onde o mundo

material seria, de início, um universo imenso de mutismo e cita Pascal: “O silêncio desses espaços infinitos me apavora. (...) Só há silêncio num espaço de fala”. (Pascal *apud* Lapoujade, 2014, p. 155). Duarte, por sua vez traz alguns tipos de Silêncio:

o silêncio da fé religiosa dos monges, da renúncia de Rimbaud à poesia e da loucura de Holderlin, o silêncio de Heidegger sobre o nazismo, o silêncio dos amantes que se olham, o silêncio da torcida de futebol diante do gol do time adversário, o silêncio da leitura e das bibliotecas, o silêncio prazeroso do orgasmo e o doloroso do trauma, o silêncio de soldados que voltam das guerras, dos prisioneiros dos campos de concentração, o silêncio imaginado do espaço sideral, o silêncio lacônico do tirano, o silêncio brutal da violência, o silêncio hipócrita em nome do bem-estar social, o silêncio surpreso, o silêncio do pensamento. (Duarte, 2014, p.133).

A Biblioteca como lugar de silêncio?

O crítico e historiador da arte Jorge Coli (2014) aponta que os silêncios das bibliotecas seriam um silêncio interativo, carregado de respeito, no qual tememos levantar a voz. Entendo que a afirmação do autor poderia se relacionar às tradicionais bibliotecas que se espalham pelas cidades desde, por exemplo, a famosa biblioteca de Alexandria até a biblioteca Pública Municipal de Porto Alegre onde me refugio para ler pelo menos uma vez ao mês, mas não a biblioteca que frequento todas as sextas feiras pela manhã.

Desde 2019 faço parte de um coletivo feminino multidisciplinar, o *Balcão da Cidadania*, que atua há vinte anos com grupos de mulheres privadas de liberdade do *Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier* (em Porto Alegre/RS/Brasil). Nossos encontros acontecem no espaço da biblioteca. E, na nossa biblioteca não há silêncio!

Nossos diálogos são frequentemente interrompidos por barulhos, ruídos, batidas que, na maioria das vezes, são acompanhadas por gritos. A intensidade do som e suas infinitas repetições nos permitem configurar um mapa mental das manifestações vindas de diferentes lugares da prisão. Sabemos que se trata de alguma urgência, mas nem sempre sabemos qual. Imediatamente alguma das mulheres privadas de liberdade presente traduz o que ouvimos com ar despreocupado.

Sons da prisão foi um trabalho realizado em 2022 pelo *Balcão da Cidadania* em colaboração com mulheres privadas de liberdade e agentes penitenciários. Quanto mais silêncio fazemos, mais ruídos escutamos. Se for desejo das leitoras e dos leitores é possível ouvi-los acessando o QR Code abaixo. Uma figura composta por pequenos vãos. (Fig.2).



Fig. 2. Coletivo Balcão da Cidadania e colaboradores. *Os Ruídos da prisão*. 2022.
Fonte: da autora

A Biblioteca Lya Luft foi criada em 1999 e guarda parte da coleção de livros desta importante escritora gaúcha. Diversos exemplares do livro que levei para o VIII SIPACV como objeto de afeto e pesquisa, intitulado *Vozes de um tempo*, descansam nas prateleiras das estantes de ferro da biblioteca que ocupa uma sala de, aproximadamente, 120m² no *Madre Pelletier* (lembrando que o acesso à leitura é considerado um direito fundamental dentro das prisões, reconhecido pela Lei de Execução Penal e regulamentado por normas do Conselho Nacional de Justiça, incidindo sobre a redução da pena).

Vozes de um Tempo é uma publicação bianual, resultante de um projeto idealizado pelo *Banco de Livros da Fundação Gaúcha dos Bancos Sociais*, que reúne poemas, contos e textos de pessoas privadas de liberdade de todas as Penitenciárias do Rio Grande do Sul.

O título do livro parece evidenciar e reclamar um lugar de fala³, de profusão de vozes que escapam, que saem para fora dos muros da prisão, e não de Silêncio (Fig.3). Trata, portanto, de SI-LEN-CI-A-MEN-TOS e apresenta a escrita de uma pequena parte das 48.214 pessoas encarceradas atualmente no nosso estado⁴. O silêncio na prisão é silenciamento e punição.



Fig. 3. Márcia Braga. A prisão entre texto.2024.
Fonte: da autora

Jorge Coli afirma que todos os silêncios seriam bons no que concerne às obras de arte e que só existiria um silêncio ruim em relação as elas que seria “o silêncio que impede as obras de arte de emitirem suas vozes, silêncio produzido pela mordaza, silêncio da censura. É o único silêncio, no campo das artes, que deve ser combatido”. (Coli, 2014, p. 434).

Na prisão tampouco há consenso em relação ao silêncio. Por um lado, há quem o associe ao desejo de estar só: enquanto fora das prisões se fala em epidemia de solidão⁵, ligada, talvez, a uma sensação de abandono, de se estar só por falta de companhia, dentro dela estar só parece ser uma necessidade. Obrigadas a conviver com outras em uma cela, quase sempre lotada, algumas das pessoas em situação de privação de liberdade com as quais colaboramos, manifestam a vontade de ficar sozinhas por algum tempo: “*Ter alguns minutos de Silêncio*”. Por outro lado, sente-se a presença também do Silêncio como um tormento como trás D.V. K.R. (2024, p. 62) em seu poema, que consta da publicação *Vozes de um Tempo* (2024), e que compartilho na sequência do texto.

SILÊNCIO

Silêncio...

Silêncio!

Silêncio.

Frase indeterminada, exclamada, substantivo abstrato. Diverso daquele que nasce entre um casal prestes a um roubo de discussões. Esse cresce, pulsa, esmaga e oprime os presentes até explodir em uma briga.

Diverso também daquele silêncio confortável em dois velhos amigos, silêncio pacífico que nasce da falta necessidade de falar para trazer a normalidade, quebrar o geli. Entre velhos amigos não precisa-se disso não.

Este que me atormenta, me leva como uma enxurra me invade os ouvidos como mil abelhas.

Silêncio ensurdecedor da madrugada, mas como silêncio? Se ouço esse zumbido interminável, ouço nos ouvi meu coração pulsando acelerado e a minha boca a engolir saliva.

Silêncio falso!

Astuto e enlouquecedor.

De ti não posso fugir, a menos que me entregue mr a falar com as paredes.

Louca!

Porém, livre de ti, silêncio maldito.

(D.V.K.R., In: Dias et al., 2024, p. 62).

15 minutos (Retomando o Silêncio na Assembleia)

Uma assembleia dificilmente é um lugar de silêncio (de um único silêncio); pelo contrário, parece reunir (e o vivenciamos também na prática dentro do seminário) uma profusão de vozes dissonantes, um coro desafinado, uma fala sem descanso. (Nossos encontros no *Madre Pelletier* também são pequenas assembleias).

Numa assembleia, um lugar cheio de ruídos, propusemos, sem consenso, o Silêncio. Silêncio que não é deixar de falar, um resignar-se à “palavra que não vem” (Antunes, 1996), mas o Silêncio como obra possível, “uma vertigem poética” (Malufe, 2011). Trabalhamos para o sucesso do evento: decidimos experimentar dentro do espaço controlado o máximo de Silêncio que nos cabia: 15 minutos! Penso-os com John Cage ((1912-1992) e Arnaldo Antunes (1960-)

Minuto anterior: *os participantes entram, deixam seus sapatos de lado para não danificar o piso de madeira da grande sala-auditório onde apresentaremos as propostas realizadas coletivamente durante o seminário em cada uma das 4 Assembleias.*

Os sapatos ficam entre os pés
e o chão, no que são como as
palavras. As meias entre os pés
e os sapatos, como os adjetivos.
Os verbos, passos. Cadarços, lagos.
Os pés caminham lado a lado,
calçados. Sapatos são calçados.
Porque são e porque são usados.
Palavras são pedaços. Os pés
descalços caminham calçados.
(Antunes, 2005, p. 43)

Primeiro min.: *as/os participantes vão encontrando lugares e posições, distribuem cartazes com perguntas (Como ecoa o Silêncio na assembleia? Como ser corpo para essa experiência?) no piso de madeira aleatoriamente. Uns se deitam, outros fazem alongamentos, caminham pela sala, alguns desenharam, outros escrevem. Muitos fecham os olhos enquanto quem está na arquibancada observa e espera por qualquer coisa que parece demorar para acontecer.*

Minutos que seguem: *fico em Silêncio e com os olhos fechados.*

(suposto) Minuto 13: *alguém interrompe o Silêncio (abro os olhos!) lendo algo que foi escrito em um cartaz. Quem escreveu não está contente com o Silêncio. Quem lê, tampouco está.*

Minuto (final): *segue-se em Silêncio até que alguém estala os dedos.*

Os sapatos, que não performaram, voltam para os pés!

Lembro Cage e suas composições cheias de pausas, ruídos e (também) de silêncios e de um episódio que, conta em *A Year from Monday* (1967):

Uma noite, quando eu ainda morava na esquina de Grand Street e Monroe, Isamu Noguchi foi me visitar. Não havia nada na sala (nem móveis, nem pinturas). O chão estava coberto com uma esteira de cacaueteiro. As janelas não tinham nem ferro nem cortina. Isamu Noguchi disse: “Um sapato velho ficava lindo nessa sala”. (Cage, 1965, p.133)⁶.

A página em branco parece ser uma possibilidade de experimentar o Silêncio na escrita. E Silêncio, como traz Arnaldo Antunes (1996) “Não se lê!”. Neste sentido poderíamos pensar, a partir de Sontag (1987), que o espaço vazio de palavras não é um espaço vazio

Na medida em que o olho humano está observando, sempre há algo a ser visto. Olhar para alguma coisa que está vazia ainda é olhar, ainda é ver algo... O silêncio nunca deixa de implicar seu oposto e depender de sua presença. (Sontag, 1987, p. 18)

O Silêncio como vão entre versos (ou para seguirmos pensando juntas)

Primeiro min.:

Eu acho que pra mim o que interessa em poesia é essa capacidade que ela tem de abalar as coisas. Essa capacidade que ela tem de ser uma espécie de interrupção, de colapso na experiência costurada do cotidiano, o momento em que alguma coisa entra em colapso, e afunda, um naufrágio (...) (Siscar, 2006, s/p.).

Minuto que segue:

Os ‘brancos’ com efeito assumem importância, agridem de início; a versificação os exigiu, como silêncio em derredor, ordinariamente, até o ponto em que um fragmento, lírico ou de poucos pés, ocupe, no centro, o terço mais ou menos da página: não transgrida essa medida, tão-somente a disperso. (Mallarmé, in Campos, Campos, e Pignatari, 1974, p. 151).

Outro minuto:

Um vazio genuíno, um puro silêncio não é exequível – seja conceitualmente ou de fato. Quando nada, porque a obra de arte existe em um mundo preenchido com muitas outras coisas, o artista que cria o silêncio ou o vazio deve produzir algo dialético: um vácuo pleno, um vazio enriquecedor, um silêncio ressoante ou eloquente. O silêncio continua a ser, de modo inelutável, uma forma de discurso (em muitos exemplos, de protesto ou acusação) e um elemento em um diálogo. (Sontag, 1987, p. 18).

Mais um:

Pensar novos formatos para aquilo que parece estanque, refletir e escrever não são gestos/atos silenciosos, pelo contrário, são ruidosos e insones, nos lançam ao vazio, mas, talvez, a um vazio necessário (e suficiente?).

Uma tela pode ser inteiramente preenchida, a ponto de que mesmo o ar não passe mais por ela; mas algo só é uma obra de arte se, como diz o pintor chinês, guarda vazios suficientes para permitir que neles saltem cavalos (...) (Deleuze e Guattari, 2000, p. 215).

Minuto (final?): “O silêncio mantém as coisas **abertas**”. (Sontag, 1987, p. 27).

¹ O termo “vão entre versos” provém da escrita de O caminho do silêncio: Mallarmé e Blanchot de Sandra M. Stroparo e foi colocado em diálogo por mim com o termo que aqui me interessa: o Silêncio.

² Tradução da autora.

³ Aqui, não me refiro ao termo “lugar de fala” no sentido do conceito, popularizado pela professora, filósofa, escritora e ativista do movimento negro no Brasil Djamilia Ribeiro (2019), apesar de entender como um provável e necessário diálogo futuro no desdobramento desta escrita.

⁴ Disponível em : <https://www.estado.rs.gov.br/ultimas-noticias?classificacao=1743966>

[https://www.estado.rs.gov.br/maior-parte-da-populacao-prisional-do-rio-grande-do-sul-tem-ate-45-anos-e-nao-possui-ensino-medio-completo#:~:text=Os%20dados%20quantitativos%20dos%2045,Penal%20e%20Socioeducativo%20\(SSPS\).](https://www.estado.rs.gov.br/maior-parte-da-populacao-prisional-do-rio-grande-do-sul-tem-ate-45-anos-e-nao-possui-ensino-medio-completo#:~:text=Os%20dados%20quantitativos%20dos%2045,Penal%20e%20Socioeducativo%20(SSPS).) Acesso em setembro de 2025.

⁵ Japão já tem ministro contra a solidão. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-04-06/japao-ja-tem-ministro-contr-a-solidao.html>. Acesso em fevereiro de 2024. A solidão é uma epidemia e um negócio. No futuro, pagaremos para ter amigos? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/estilo/2021-10-30/a-solidao-e-uma-epidemia-e-um-negocio-no-futuro-pagaremos-para-ter-amigos.html>. Acesso em fevereiro de 2024. Reino Unido cria secretaria de Estado contra “epidemia” de solidão. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/17/internacional/1516217665_881811.html#?rel=listaapoyo . Acesso em fevereiro de 2024. Por que há mais gente sozinha do que nunca. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/06/estilo/1509965411_556909.html?rel=mas#&rel=listaapoyo . Acesso em fevereiro de 2024.

⁶ John Cage, como aponta Tomkings (1976), trata do Silêncio como elemento compositivo. A obra mais conhecida de Cage é a peça 4'33" # para piano, composta em 1952. Nela, o papel do pianista “é o de abrir e fechar do tampo do piano no tempo estabelecido de três movimentos, ao longo dos quais ele permanece em silêncio” (Cunha; Corrêa, 2013). O primeiro movimento tem duração de 30 segundos; o segundo 2 minutos e 23 segundos; e o terceiro 1 minuto 40 segundos. Seu nome trata, portanto, da soma dessa minutagem, cujo resultado é de 4 minutos e 33 segundos. “Durante toda a música, o intérprete não toca o instrumento, apenas cronometra e demarca, com o movimento de abrir e de fechar o tampo do piano, o início e o fim de cada movimento” (Sa et al, 2024, p. 3).

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **2 ou + corpos no mesmo espaço**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005

_____. **As coisas**. São Paulo: Iluminuras, 1993, 2a.

_____. **Tudos**. São Paulo: Iluminuras, 1990.

_____. **O Silêncio** (CD), 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q8pGlcUONIU>). Acesso em: setembro de 2025.

ASSEMBLAGE. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termos/79912-assemblage>. Acesso em: setembro de 2025.

BRAGA, Márcia. **Uma poética provisória e a (est)ética de outras emergências: táticas coletivas para (des)habitar uma prisão feminina**, 2024. Tese doutoral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/283490>.

CAGE, John. **A Year from Monday: New Lectures and Writings**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1967. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/87659367/Cage-Year-From-Monday?utm_source=chatgpt.com#content=query:%20Isamu,pageNum:71,indexOnPage:1,bestMatch:false. Acesso em setembro de 2025.

CAMPOS, Haroldo;;CAMPOS, Augusto, PIGNATARI, Décio. **Mallarmé**. Trad. de Un coup de dés: Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COLI, Jorge. **Ponto de Fuga**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. A inteligência do silêncio. In: NOVAES, Adatao. **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.425-434.

CORREIA, Gustavo.; COELHO, Alan. O silêncio como possibilidade de abordagem filosófica. In: NOVAES, Adatao. **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014. Disponível em: <https://www.unifeg.edu.br/webacademico/site/revista-expressao/ed/23/FIL-Allan.pdf>. Acesso em setembro de 2025.

CUNHA, Ester.; CORRÊA, Patrícia. Arte e vida – Um estudo a partir da obra de John Cage. 22º Encontro Nacional da ANPAP. Ecossistemas Estéticos, 2013; Disponível em: <https://anpap.org.br/anais/2013/PIBIC/Ester%20Cunha.pdf>, Acesso em setembro de 2025.

- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.
- DIAS, Carina et al. (orgs.). **Vozes de um Tempo: relatos e vivências de pessoas privadas de liberdade**. Porto Alegre: Gráfica AS, 2024.
- DUARTE, Pedro. O silêncio que resta. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014.
- HELLER, Alberto. **John Cage e a poética do silêncio**. Tese (Doutorado em Literatura). Florianópolis, 2008. 173 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.
- LAPOUJADE, David. O inaudível: uma política do silêncio. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.151-165.
- MALUFE, Anna. A poética do silêncio em Marcos Siscar. **Revista Semestral do Programa de Pós-graduação em Letras - Ufes**, 2011. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFES-1_b382a07b9aee2335a59f7f67e39301e4. Acesso em setembro de 2025.
- SÁ, Apolo.; MENDONÇA, Rita; SUANNO, Marilza. Silêncio como gesto em 4'33", de John Cage. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 28, n.1, set. 2024. Acesso em agosto de 2025.
- SISCAR, M. Entrevista para o programa **Entrelinhas** (transcrição). São Paulo: TV Cultura, ao ar em 06/09/2006. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/27798_entrelinhas-marcos-siscar.html. Acesso em abril de 2025.
- SONTAG, Susan. A estética do silêncio. In: **A vontade radical: estilos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STROPARO, Sandra. O caminho do silêncio: Mallarmé e Blanchot. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 191-198, abr./jun. 2013. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/download/12704/9164/52828>
- TATE MODERN. Site. Disponível em <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/a/assemblage>. Acesso em agosto de 2025
- TOMKINS, Calvin. John Cage. In: **The bride and the bachelors: five masters of the avant garde**. New York: Penguin Books, 1976.

Márcia Machado Braga

É artista visual, arquiteta e professora. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura Ritter dos Reis (1998) e graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). É pós-graduada em Arquitectura, arte y espacio efímero pela Universidade Politècnica de Catalunya (1999), mestre e doutora em Poéticas Visuais pelo Programa de pós graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018, 2024). Participa, desde 2016, do Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas da participação: cidadania e arte. Participa do coletivo aberto de ceramistas Bando de Barro.